

CORREIO DO VOUGA

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de S.ª Noronha, 51

PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
NA
RUA DE S. MIGUEL N.º 36
PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceta collaboração que não seja sollicitada.

EM CRISE

Por dois ou tres artigos, lidos vagamente em jornaes de varias côres politicas, sabemos que o governo está em crise. O que não sabemos é a solução que o rei dará a esta.

O problema é grave. E' mesmo o mais importante de quantos se apresentam no nosso paiz. Não se trata apenas d'uma crise politica. Trata-se principalmente d'uma crise moral. Crise que não data d'uma semana, como alguns irreflectidamente affirmam. Mas vem de ha muitos annos — e está, agora, num dos seus periodos mais agudos.

E' provavel que D. Manuel II não veja a questão sob o mesmo aspecto por que a estamos a encarar. Os seus conselheiros não o deixam apreciar claramente os factos. Illudem-no, pintando-lhe as coisas, segundo as suas conveniências. Mas, se por ventura pelo espirito do monarcha passar a ideia de que a incompatibilidade entre o parlamento e o governo não é determinada por um pensamento alto de justiça nem pelo desejo sincero de bem servir a patria, ha-de sentir-se triste e desalentado. Porque tem de reconhecer, com magua, se não vive apenas, para si, que seja qual for a solução que adopte — a crise persistirá. E mais ainda: se teimarem com elle para dissolver as côrtes, ha-de tremer, só de lembrar-se que um facto identico occasionou a morte do pae e do irmão.

Por isto, convencemo-nos de que a hypothese da dissolução é a menos viavel. O parlamento fica. D. Manuel não tem a audacia de D. Carlos. E falta-lhe no poder um homem rígido, inflexivel, como João Franco. Doutro modo, a dissolução era certa. E — com franqueza —, sem desejarmos que nos chamem retrogado, sempre perguntaremos: para que serve estar o parlamento aberto?

Tem o Rei de optar pela outra solução: demittir o governo. Mas as grandes difficuldades, talvez insuperaveis, apparecem agora.

Onde ha-de ir D. Manuel encontrar um ministerio que viva com o parlamento? Será mesmo possivel encontra-lo? Julgamos que não, por mais combinações que se façam en-

tre os diversos grupos politicos.

Havia, talvez, um remedio: constituir um ministerio extrapartidario. Escolher os governantes entre os homens que não têm afinidades politicas, mas que se destacam pelo seu saber e pela sua honestidade. Muito difficil havia de ser encontrar meia duzia d'homens nestas condições! Mas, ainda que apparecessem, deveria considerar-se sanada a crise? De modo nenhum.

Não ha muito tempo ainda, constituiu-se um ministerio naquellas condições. Não fez nada. Talvez tivesse vontade de trabalhar. Mas não o deixaram. Os homens que o formavam não tinham partido, diziam-se, mas alguns, pelo menos, arranjaram-no immediatamente.

O mal dos partidos é incuravel e é contagioso. Um unico remedio se impõe. Acabar com elles. E' violento, não ha duvida. «Mas para os grandes males, grandes remedios».

Emquanto o monarcha ou quem dirigir, como magistrado supremo, a nação, se não convencer de que o que fica dito representa a verdade, nenhuma solução passará de simples paliativo.

Ha necessidade de sanar o ambiente moral. N'esse trabalho deve começar-se por cima. E, antes de tudo, pelos politicos. Muitos têm exuberantemente provado que são incompetentes para governar. Nestas condições, D. Manuel, teimando em encarrega-los dos negocios publicos, comette um grande erro, cujas consequências são todas contra o paiz.

O problema é grave. E' o mais importante de quantos se apresentam no nosso paiz. Se D. Manuel soubesse resolve-lo, tinha direito a que lhe chamassem um grande rei.

Mas não sabe. Não passará, portanto, d'uma simples esperança radiosa, que os senhores da Liga Monarchica não se cançarão de invocar...

NOTAS LIGEIRAS

TOUROS

Noticiam as gazetas que Aveiro vae ter outra praça de touros.

Será construida na estrada dos Alamos, junto da bifurcação para Arada e Ilhavo, por conta do ilhavense (arrojado,

como já lhe chamam) sr. José Teiga Junior.

Ha quem applauda a ideia, dizendo que Aveiro gosta de touros, não devendo, portanto, o empresario dar por mal empregado o seu tempo.

Não contestamos que seja assim — mas lamentamos.

VALLE DO VOUGA

Dizem os jornaes que a Companhia do Valle do Vouga tenciona inaugurar, ainda este anno, o caminho de ferro de Aveiro a Albergaria, para o que vae contractar mais pessoal.

Deus ouça os jornalistas que dão esta boa nova. Mas, para evitar decepções, é conveniente saber-se que ainda estão algumas expropriações por fazer e que a companhia parece não ter pressa nenhuma de liquidar o assumpto...

INTRANSIGENCIA

O Directorio Republicano delibrou, ha dias, por unanimidade, combater intransigentemente todos os governos monarchicos.

Isto, á primeira vista, parece logico. Mas se attendermos a que *intransigentemente* quer dizer, entre nós, *systematicamente*, os republicanos não enveredarão por bom caminho, pondo em pratica a sua deliberação.

De resto, *Deus super omnia*, como se diz no repertorio...

O 1.º CENTENARIO DE ALEXANDRE HERCULANO

Na sessão solemne commemorativa do primeiro centenario de Alexandre Herculano, que se realisou na sala das sessões dos Paços do concelho de Angola, o nosso illustre amigo e eminente prelado de aquella diocese, sr. D. João E. de Lima Vidal, pronunciou um brilhante discurso, do qual extractamos estes periodos:

E já que por minha grande honra, que vivamente agradeço, eu fallo neste momento numa sala camararia, debaixo das telhas de um municipio, eu devo recordar em primeiro logar o amor de Herculano por esta instituição bazilar — o municipio — por este nervo do nosso organismo, por esta cellula da nossa vida nacional. Com que diligencia, com que carinho, se é que não posso dizer mais nada, elle pôz ao sol da historia as trez raizes progenitoras d'esta planta: a hierarchica, se traduzo bem com esta palavra o pensamento de Alexandre Herculano, a economica e a militar. Com que ufania elle nos conta que «aos primeiros res-

piros de paz e de segurança, o espirito municipal semeava concessões emquanto debaixo dos marcos das fronteiras christãs se embebria o territorio musulmano, e o burgo, recentemente plantado em terra que até então fôra erma e sáfara, ou sobre as ruinas carcomidas do municipio romano ou godo, sentindo-se cheio de vida e de esperança, folgava de contar ao mundo no proprio nome a sua juventude, e tomava para si o titulo tão querido, tão popular de — Villanova».

A biologia dos municipios, a sua forte e victoriosa expansão, os seus momentos perigosos, ora nascidos das proprias condições do foral, ora de circunstancias estranhas, e sempre de não sei que vaga e mysteriosa instabilidade das coisas humanas, os auxilios imprevisitos com que os sustinha a boa Providencia que preside á historia e aos destinos dos povos, o seu papel definitivo e triumphante na organização do futuro, este quadro vivo, palpitante, grandioso, é traçado pela mão de Herculano com tanta sobriedade e com tanta harmonia de côres, com tanto conhecimento e com tanta exactidão de detalhes, com uma critica tão elevada, como quem olha para a terra do alto de uma estrellá, que bastaria o estudo que já citei: — Apontamentos para a historia dos bens da corôa — e sobretudo o quarto volume da *Historia de Portugal* para assegurar aos municipios do nosso paiz o quinhão mais saliente, a primeira fila, deixae-me assim dizer, na celebração do centenario d'este illustre filho do nosso seculo.

Que ninguém me queira mal a mim por me deter neste momento num permenor que me consola. Em opposição ás velhas instituições populares do imperio romano e dos barbaros que se estabeleceram na nossa peninsula, Alexandre Herculano chama ao novo municipio — municipio christão. Como eu applaudo este titulo! Porque o municipio é um fructo da liberdade, e a liberdade por sua vez é um fructo do Evangelho!

A poesia de Herculano cae-me na alma do alto de uma nuvem divina, como a ave de rapina cae sobre a preza, levanta-me da terra, levanta-me aos ares, essa poesia mesmo que elle escreveu em prosa. O anjo da inspiração que elle invocava, o anjo que acende o estro, arrojou á mente do trovador «tudo quanto ha nos céus de esperançoso e de bello, tudo quanto ha nos abysmos de tenebroso e de triste, tudo quanto ha nos mares de magestoso e de vago», lançou na sua alma a harmonia celeste, a vida, essa chamma d'onde nasceu o seu canto.

E' melhor não dizer nada da linguagem de Alexandre Herculano! Se na bocca de Castilho ella tem, a nossa lingua, a doçura e a emoção de uma rabeça a chorar nas mãos de um mendigo andante, na de Herculano toma a energia mascula e vernacula das meditações de Carteira ou das apostrophes do Cavalleiro negro. Cada phrase é uma machadada, bate em cheio,

sonora e poderosa, na nossa alma Herculano é um dictionario da lingua e da alma. Tratada pela sua penna, essa arvore magnifica, a lingua portugueza, dá fructos inesperados e deleitosos. Regala-nos com a paciencia intelligente de um pedagogo que põe na mão de um joven discipulo a penna com que elle ha-de escrever as primeiras letras.

Tal passou pela terra o solitario de Val-de-Lobos, Alexandre Herculano».

"A ALMA NACIONAL"

E O "LUAR DE JANEIRO"

(CONTINUAÇÃO)

O povo portuguez é, pois, o producto ethnogenico de caracteres, e alguns até antagonicos dentro de certa medida como os dos nordicos loiros (celtas, germanos, etc.) e os dos ramos semitas (phenicios, carthaginezes, judeus, arabes berberes), que vieram sobrepor-se — e incorporar-se, é claro, em varias proporções, é certo — á camada-mãe prehistorica e á proposta onda ligurica que terão sido as raizes da arvore genealogica, complexa e extravagante, da gente portugualense.

A reunir a estas notas d'incerta anthropologia e vaga ethnologia, acodem as noções assentes das divergencias notaveis entre o cerebro phenicio-libyo, culto e commercial, e o cerebro celta-germano, embryonario e guerreiro, e entre a cultura romana, formalista e organisadora, e a cultura sarracena, d'emprestimo e de phantasia, que vieram batalhar-se nos cerebros peninsulares — preparando-os para o feitio chaotico, asyntonizado, polyapto mas impratico, energico mas asynergico, rico mas improductivo, que pôe á parte na Europa portugueza e hespanhoes...

E neste producto estranho de sangues e genios diferentes, que é o povo portuguez, quaes são o sangue e o genio dominantes, caracteristicos? O sangue e o genio liguricos, opina Theophilo Braga. Talvez, até certo ponto. Povos d'antiguidade extrema, d'existencia protohistorica e talvez até prehistorica (neolithicos brachycephalos, pequenos e de mãos pequenas, das palafitas, etc.), ligados ao mytho de Phaeton e ao mytho de Heracles — dos mais antigos mythographos — sobre as origens da ambar, os ligures tiveram tempo, neste viver longo e duro e talvez pouco variado, de fixar caracteres mais fortemente transmissiveis, d'uma maneira geral, do que os d'outros grupos ethnicos menos remotos e puros que se fundiram por cá... Mas caberá nesta hypothese a these de Theophilo Braga? Será viavel a noção de que o ethos portuguez é mais devido aos ligures — e isto é menos que a these do illustre escriptor citado — do que, por exemplo, aos semitas que viveram na Peninsula? Não será o portuguez, no ponto de vista em questão, um ligur modificado por sangues e genios diversos, entre o

quas avultam talvez sangue e genio sarracenos?

Veremos na continuação d'este esboçeto d'estudo se esta hypothese quadra á interpretação scientifica da historia de Portugal.

O conde Henrique de Borgonha, aproveitando as tendencias ethnica e medievales, os instinctos d'ethos e d'epoca, da gente portugalense, esboçou a independencia do nucleo de Portugal. «Filho, toma esforço no meu coração! Toda a terra que eu deixo, que é d'Astorga até Leão e até Coimbra, não percas d'ella coisa nenhuma, que eu a tomei com muito trabalho!», dizia o avido burguinhão, a morrer, no cerco d'Astorga, ao joven Affonso Henriques.

Este, guerrilha terrivel e politico sem escrúpulos, ambicioso, tenaz, immanietavel e pratico, alargou e fortaleceu, entre victorias e revezes nas guerras com os sarracenos e com os reis de Leão, e nas astucias com todos, a obra precaria do pae, tendo-se investido rei, titulo que o fascinava, depois do prelio lendario de Campo de Orik ou Ourique (1139), simples fossado ou algara de que este habil «Ibn-Erric», «este inimigo de Deus», como lhe chamavam os arabes, fez a victoria symbolica do augmento de Portugal...

D'então ás Côrtes de Coimbra (1385) e ao golpe d'Aljubarrota em que a gente portugueza definiu *jure et facto*, com a argucia de João das Regras e com a espada de Nunalvares, no dominio do direito e no campo de batalha, a constituição authentica d'uma nova nação na Peninsula, a historia de Portugal nota monotonamente como puros factos politicos as guerras com hespanhoes. Mas no interior d'estes factos de superficie politica havia phenomenos ethnicos sem os quaes não se percebe a independencia portugueza (desfeita por accidente, pela vesania d'um rei, após a jornada doida e triste d'Alcacer-Kibir; mas refeita annos depois, apesar da decadencia do Portugal d'essa epoca, pelo ethos nacional nas batalhas caracteristicas de Montijo, Elvas, Canal e, enfim, de Montes Claros).

Que era, ethnicamente, a pequena nação singular que nessas Côrtes de Coimbra ousava eleger para rei — em opposição á cubica secular e tradicional de reis e povo d'Hespanha — um simples principe bastardo sem prestigio nem poderio; e sagrar essa eleição na tarde d'Aljubarrota, em que duas mil lanças, quatro mil peões bisonhos e oitocentos bésteiros (ha quem leve a dez mil o numero dos portuguezes) esfrangalharam as propias de trinta mil hespanhoes (vinte mil de cavallaria, e dez mil de peonagem)? Era um nucleo de ligures (segundo Theophilo Braga, fundado em Martins Sarmento), fundido remotamente com phenicios, celtas, etc., e modelado afinal pelo sangue e pelo genio dos invasores sarracenos.

A semelhança real que irmana apparentemente portuguezes e hespanhoes virá d'essa modelação, imposta aos peninsulares durante oitocentos annos; e não de raizes ethnicas, diferentes e incompati-

veis nas duas nações da Peninsula.

A falta d'estas noções levou Oliveira Martins a considerar Portugal um mero producto politico de desenvolvimento «espontaneo», mascarando d'esta maneira, com mais estylo do que critica, e com uma palavra commoda mas particularmente má em interpretações scientificas, a determinação ethnologica d'um phenomeno historico. Sem o divorcio ethnico de raiz e sempre vivo entre ligures e iberos, como poderia Portugal — politicamente analogo: ao condado de Barcelona, depois reino da Catalunha, anexo a Aragão; ao condado da Biscaya, independente dois seculos, e anexo a Castella; e aos vago reinos ephemeros de Navarra, de Leão, de Castella e de Aragão, destrinchados e refundidos do seculo 9 ao 16 — resistir ao movimento consciente e contagioso de unidade nacional que fez do resto da Peninsula — mais de tres vezes maior que o pequeno Portugal — a monarchia hespanhola de Fernando o catholico? Por milagre como o d'Ourique?...

Foi em 711 que os berberes de Tarik e os arabes de Musa — ganha que foi por aquellas a celebre batalha de Chryssus ou Guadalete ou Guadabete — iniciaram o dominio da fragil, desagregada, monarchia visigothica, cujos povos, heterogeneos, alguns d'origem ligurica, os outros d'origem iberica, se agremiavam apenas pelas influencias, communs, do meio peninsular, dos sangues d'outros invasores, da antiga romanização, das instituições germanicas e da religião christã.

Ora os arabes eram então os bulhentos depositarios da grave sciencia classica: os primeiros dos mathematicos, dos astronomicos, dos philosophos, dos medicos, dos eruditos, dos compiladores, do tempo; por um fogacho de moda — e não por pendor de genio — aliavam aquella sciencia, abastardada em geral, ás culturas da poesia, da oratoria letrada, da literatura d'estylo, dos conceitos religiosos, que quadravam mais ao seu ethos — sensual, imaginativo, turbulento e infantil — do que os estudos methodicos e ponderados dos gregos. Os kalifas de Damasco mandaram traduzir em arabe toneladas de livros classicos, adquiridos no Egypto, na Syria, na Armenia, etc. Os Omniadas da Peninsula teriam chegado a juntar mais de quinhentos mil volumes. Cordova, Malaga, Almeria e Murcia tiveram não menos de setenta bibliothecas onde as obras d'Euclides, Ptolomeu, Platão, Aristoteles (o mais lido), Hyppocrates, Galeno, etc., figuravam entre os poemas, os estudos d'eloquencia e os commentarios ao Koran gratos ao genio arabe. Lisboa, Evora, Beja, Silves, Faro, etc., foram centros d'estudo arabe, e patrias d'arabes notaveis nas letras e nas sciencias: o poeta Ibn-Mokana, auctor dos versos a Edriz: *Poesia na rima mim*, que a erudição conserva, era filho de Lisboa; d'Evora foi

noite; — que tempo podia ficar para mim em toda esta marcha incessante, senão a rapida hora em que ao voltar do seu passeio dispunha de alguns minutos antes de ir para a meza? Por esses minutos, alterava eu o meu dia inteiro muitas vezes.

Houve n'este ponto uma pausa, e elle encheu o segundo copo.

Por esses minutos alterava eu o meu dia inteiro muitas vezes, é certo — continuou elle — e corria avido a pedir-lhe um sorriso, em troca de fazer esperar um amigo, em troca de esquecer um negocio, em troca de jantar com minha mãe, que eu lhe sacrificava a ella. Tudo isto era acolhido entre duas volatas, recebendo-me pelo *Vieni, Arturo!* do

Ibn-Abdun, poeta e historiographo, auctor do celebre poema *Balsameiro* ou *Collar da Pomba* ou *Poema da rima em r* que conta as mortes d'Omar o Motawakil (tambem d'Evora) e d'outros principes e reis (1); de Beja foram; Ayenpace, grande philosopho e erudito, o Voltaire do seculo 12, preso em Africa por acce, influenciador d'Averroes, e o Abbadida Motamid, poeta, guerreiro, politico, rei em Sevilha e um dos sogros d'Alfonso VI de Leão; Ibn-Badrin, literato, auctor da *Concha de Perolas* e tambem *Calice de Flôres*, commentario ao *Balsameiro*, nasceu e estudou em Silves; e o grammatico al-Allam, tambem poeta e erudito, mestre d'Ibn-Abdun, nasceu e morreu em Faro.

Apesar d'incendiados num forte espirito guerreiro e de conquista e dominio, e de ferozes na guerra, principalmente os berberes, mais numerosos do que os arabes nas invasões da Peninsula, estes invasores da Peninsula, estes invasores poetas eram, no fundo, tolerantes, conviventes, communicativos, nomeadamente os arabes, mais cultos do que os berberes; e assim, brilhantes modelos de decoração humana em face dos peninsulares pouco e mal desbravados pela romanização, em parte obliterada pela germanização, fartaram-se de modelar a seu gosto e a seu modo, com transfusões do seu sangue sensual e impetuoso, e sugestões do seu genio romanescos e catavental, durante cerca d'oito seculos, os povos que iriam ser, por velhos instinctos ethnicos e razões d'ordem politica, o de Portugal e o d'Hespanha. Os casamentos de estrondo — exemplos atirados d'alto — do primeiro emir da Peninsula com a viuva de Rodrigo, e d'uma filha de Motamid com Alfonso VI de Leão; o facto d'um emir de Silves, Abu-Becr, ser descendente d'um godo, do christão Radulfo; as fortes paixões amorosas de christãos por agarenas, e d'agarenos por christãos, velho thema inesgotado da poesia popular de Portugal e Hespanha; a vaidade d'Alfonso — o sabio por ter apreendido a alchymia com um philosopho arabe:

«La piedra que llaman philosophal Sabia facer y me la enseñó»;

a arabização dos nomes, anteriormente romanos, dos cargos municipaes: *al-kaid*, *alwasir*, etc. (alcaide, alvasil, etc.); os modos-de-ser dos mosarabes, dos mulads e dos mudjares; a vitalidade interessante do rito christão-mosarabe, ainda em uso em Braga; e o desuso crescente das linguas peninsulares, a ponto da igreja christã

(1) Os titulos das poesias e dos poemas dos arabes são rotulos phantasticos sem sombra de relação com os assumptos versados. A cada poema eram dados, em geral, titulos varios, como se acaba de ver.

Do *Poema da rima em r* existem vinte e uma copias nas bibliothecas de Londres, Leyde, Paris, etc. Só a *Bodleian Lib. London* possui não menos de tres. Até os sultões de Marrocos conservam uma, de luxo. Leio que em Portugal — e Ibn-Abdun foi d'Evora — nem copia nem signal d'ella...

Puritamos, despedindo-me pelo *Adio do Rigoletto*: um recitativo entremeava estes trechos. Quando eu sahia de lá, não lhe tinha dito uma unica palavra do que havia feito tenção de dizer-lhe; era ella que conduzia a conversação, e guiava-a tão loucamente, que nunca se sabia do que se tratava; fallava-me do seu passado, dos seus amores de infancia, das carruagens de Lisboa, do nariz do Mercadante; perguntava-me se eu era forte ao florete, quantas mulheres tinha amado, de quando jornaes era assignante: fazia-me cantar bocados de opera, ria como uma creança, depois suspirava triste, ia para o piano em seguida, depois para a janella, depois para a meza!

Uma occasião demorámo-nos

traduzir as Escripturas na lingua dos invasores — documentam bem o phenomeno.

Com a posse definitiva (1249) d'Alemtejo e Algarve, e a liquidação definida (1414) das colições com Hespanha, fechou-se a definição, ethnica, politica e geographica, da nação portugualense, que — valente e organizada, audaz e irrequieta, impelida por um lado pelo velho genio ligurico-phenicio-carthaginez navegador-trafficante, e tentada por outro lado pelas lendas e pelos enigmas das terras orientaes e do grande mar mysterioso que lhe abraça por sul e oeste o fertil mas pequeno habitat, — desabrocha soberbamente, nos seculos 15 e 16, ao calor da Renascença, a sua função mundial de descobrir meio mundo... De facto, arrostando os perigos que vagas tradições antigas e lendas da Meia Edade punham no *Mar tenebroso*, o mareante portuguez: acha as ilhas do Atlantico, dobra o Cabo Bojador, desvenda costas da Africa, vence o Cabo das Tormentas ou Cabo de Boa Esperança, desencanta e domina a India, occupa o oriente d'Africa, encontra a America do Sul, descobre (e povoa em parte) a Terra nova ou a Verde ou a Terra do Bacalhau, cruza o Golfo de S. Lourenço, embate no Canadá, passa pelo Labrador, chega talvez á Groelandia, vae do Atlantico ao Pacifico, explora as Ilhas da Sonda, entra e trafica na China, pagodeia no Japão, colhe noticias da Australia, e

«Se mais mundo houvera»...

Mas descobre para outros... Heroico e inquebrantavel, velho ligur religioso, instinctivo e soffredor emquanto lucha com o mar, com tempestades, naufragios, calmarias, fomes, sêdes, nostalgias e saudades, — torna-se devasso, cruel, rapinador, sanguinario, berbere em furia de rãzia, nas relações com os povos que encontra e vae dominando; e perde a conquistista e perde-se numa onda de atrocidades, vilezas e podridões. Ligur em Gonçalo Velho, Gil Eanes, Bartholomeu Dias, Gama, Cabral, Magalhães, Côrte-Reaes, etc., — passa a ser um sarraceno, um feroz pirata moiro, em D. Duarte de Menezes, Lopo Vaz, Nuno da Cunha, Martin Affonso de Sousa e outros vice-reis bandidos.

Escapam a este labéu: Duarte Pacheco, um puro; Francisco de Almeida, um habil; Albuquerque, um homem de genio, bem que bravo e «terrível»; D. João de Castro, um santo encadernado em heroe; e poucas mais das figuras da nossa epopeia tragica nas terras orientaes.

«Fomos ao rio de Meca, Pelejámos e roubámos».

commentou Gil Vicente, sumulando causas e modos da derrocada sombria do nosso poder d'alem-mar.

Ver-se-ha na terminação d'estas notas elementares a accção d'essa derrocada na vida intellectual,

mais tempo a conversar, e a sua mão esqueceu-se entre as minhas. Fallava-me de sua mãe, a quem deixara aos vintes annos, trocando as serenas felicidades do lar pelas ambições da independencia, pelo sonho dos triumphos, pela visão da gloria; principiamos ambos a fallar de familia, contamos um ao outro as reminiscencias da nossa infancia, fizemo-nos de novo creanças pelo pensamento, e fechando os olhos para ver melhor na alma, corremos de mãos dadas para traz até encontrarmos a nossa primavera morta! N'essa tarde o seu olhar fixou-se por momentos no meu, e uma nuvem passou entre nós, como afugentando uma ideia superior á sua razão e á sua vontade. Angiolina desviava de repente a vista, e parecia querer

moral, commercial, industrial, economica, politica e religiosa da gente de Portugal.

(Continúa).

José de Lacerda.

NOTICIARIO

Fallecimentos—Victimado por uma lesão cardiaca, falleceu no dia 12 o nosso conterraneo sr. José Dias de Figueiredo cujo funeral se realizou no dia seguinte, sendo muito concorrido. Pegaram ás bordas do caixão os srs. Antonio Simões da Silva, Aristides Dias de Figueiredo, João Martins de Pinho, José Liborio Ferreira, João Luiz Ferreira e José Fernandes de Jesus, e levou a chave do caixão o sr. major David Ferreira da Rocha.

O extinto gosava de muitas sympathias. A toda a familia enluctada os nossos mais sentidos pesames.

— Falleceu em Mira, onde exercia o cargo de notario, o sr. Manuel Vieira de Carvalho, natural de Oliveirinha.

Era pae dos srs. dr. Manuel Vieira de Carvalho, padre Diamantino Vieira de Carvalho e Arthur Vieira de Carvalho e cunhado do honrado commerciante d'Aveiro sr. Domingos José dos Santos Leite.

A toda a familia enluctada, sentidos pesames.

— Falleceu repentinamente na segunda feira, em Alquerubim a sr.^a D. Margarida Lemos, esposa do sr. Delfim Pereira Lemos, e cunhada do distincto clinico sr. dr. Pereira Lemos.

A familia enluctada, as nossas mais sinceras condolencias.

Baptisado—Baptisou-se, ha dias, na igreja d'esta freguezia, um filhinho do nosso presado amigo e conterraneo sr. Manuel Marques Simões. A gentil creança, para quem desejamos as maiores felicidades, recebeu o nome de Callisto.

Pela imprensa—O nosso collega *Beira-Mar*, que se publicava á 2.^a feira, passou a publicar-se á quarta.

Conferencia—Fez no dia 11 uma conferencia na Escola Districtal d'Aveiro o sr. Borges Grainha, professor d'um dos lycées de Lisboa.

Festividade—No dia 29 do corrente realisa-se na capella de S. Geraldo, em Bolfiar, uma festividade de promessa áquelle santo. Assiste a philharmonica de Oliveira de

retirar a mão de entre as minhas; eu segurava-lha com ancia e estremeiamos ambos; continuavamos outra vez a trocar a confidencia das nossas recordações ou dos nossos sonhos, do que tinhamos visto, ou do que haveriamos querido ver, e, á proporção que fallavamos do passado, iamol-o esquecendo; levei a mão d'ella aos labios, e beijei-a; ella disse-me apenas:

— Estamos ambos n'uma hora melancolica; tenho medo d'estas conversações meio tristes ao cahir da tarde; vá, adens; deixe-me só. Vejo-o amanhã á noite no theatro? Nos entreactos quero tel-o no meu camarim! Vou apresental-o á minha côrte como o pretendente mais perigoso. Parta; adens!

Na noite immediata, ella cantou

O Casal

I

O primeiro passo dado na carreira dos meus amores, foi mudar a hora de fazer visita a Angiolina. Pobre anjo, tinha tão pouco tempo para poder conceder-me, que era preciso que eu pela minha parte estivesse á mira dos instantes que lhe não fizessem falta. Como repartia ella o dia? Oh! Parece um milagre, para o quanto elle lhe chegava! O seu *maestro* ia procural-a todas as manhãs para uma lição de exercicio; das duas ás quatro horas, ia passear; jantava ás cinco, e os ensaios ou as recitas terminavam-lhe a

Bairro e será prégador o rev. padre José Simões Roque, digno prior de Aguada de Cima.

Aviso—Os credores do Estado são avisados de que termina no dia 30 do corrente o prazo para o pagamento de vencimentos ou quaesquer proventos em dívida relativos ao corrente anno economico. Passado aquelle dia, é precisa nova auctorisação.

Exames—Começa no dia 20 e termina no dia 30 do corrente o prazo para enviar as relações dos alumnos propostos ao exame do 1.º grau. Os alumnos com mais de 12 annos devem fazer requerimento (em papel commum), pedindo a admissão a exame.

Estes exames começam no principio de julho.

—Começou no dia 15 e termina no dia 30 o prazo para a entrega dos requerimentos, a pedir a admissão aos exames do 2.º grau. Estes requerimentos, dirigidos ao sub-inspector, e contendo o nome, filiação, naturalidade e residencia do examinando, devem ser em papel commum, acompanhados do certificado da approvação no 1.º grau; certidão de idade que comprove que o requerente completa, pelo menos, 10 annos até 31 de dezembro d'este anno, e da certidão de propina e 1\$500 réis.

Os alumnos pobres das escolas officiaes e outras associações ou instituições de caridade, são dispensados de pagamento, quando apresentarem attestados de pobreza devidamente jurados pelo respectivo parochio ou regedor da sua freguezia.

A certidão de idade, em caso de pobreza, póde tambem ser substituida por declaração, em papel commum, passada pelo parochio da freguezia onde o requerente foi baptisado.

Os requerimentos devem ser tambem assignados por professor ou professora legalmente inscriptos, ou pelo pae ou mãe do requerente, quando este recebe ensino domestico.

Consortio—Realizou-se, ha dias, em Ilhavo, o consortio do nosso presado amigo sr. Amadeu Madail, dignissimo empregado da Administração d'aquelle concelho, com a sr.ª D. Virginia Pereira de Miranda, gentilissima filha do illustrado escrivão de fazenda sr. José Augusto d'Almeida Miranda.

Aos noivos desejamos as mais radiosas venturas.

a Favorita. Que impressões acordou na minha alma, Deus meu! como a sua voz era doce, affectuosa e divina! que meiguice seductora, que frescura, que extase, que céo! O seu typo não era bem o da mulher formosa, mas o da mulher insinuante, não era uma rosa, mas um lyrio; não era um sorriso, era um suspiro, mas de felicidade e de amor. Cantava e representava a sua parte com um tão grande sentimento dramatico, que nunca errava uma intenção nem descuidava uma phrase. Tão moça como era, ainda, que presciencia tinha dos segredos da dor que tam bem os reproduzia pela arte! Os seus olhos negros atiravam por vezes n'uma vista um poema sublime de sentimento. O seu methodo não era o dos ornatos e dos enfeites no can-

Juros d'inscrições—Estão em pagamento em Aveiro, desde o dia 15, os juros das inscrições e de coupons respeitantés ao corrente semestre.

Os srs. juristas devem apresentar as respectivas relações, devidamente assignadas e reconhecidas, na repartição de fazenda, para conferencia e imposição do carimbo nos respectivos titulos, devendo a essa formalidade seguir-se o pagamento.

Trovoadas—Na quinta-feira, á tarde, pairou sobre a cidade do Porto uma formidavel trovoada. Cairam muitas faiscas, mas cremos que não houve desastres pessoaes.

VARÕES ILLUSTRES

Infante D. Henrique

Em 1418, ao regressar da segunda viagem a Ceuta, D. Henrique era um homem de vinte e quatro annos, na plenitude da força que nos temperamentos espontaneamente activos desabrocha mais temporã. Alexandre morreu de trinta e tres annos.

Alto e corpulento, de largos e fortes membros, com a pelle tostada pelos sóes e ventanias, os cabellos negros, espessos, rijos e empinados, um bigode farto, negro tambem e hirsuto, este infante não era bello: pelo contrario. Faltava-lhe na phisionomia o encanto da bondade, sem o qual não ha formosura. A dureza do seu olhar era antipathica. Descendia directamente do pae, no qual se vira um exemplar acabado do temperamento energico e tenaz, sem poesia, que sabe aliar a violencia á astucia quando o proposito formado o reclama para attingir um fim: do puro temperamento portuguez, ou beirão, com traços de energia taurina. A vontade manda exclusivamente em homens d'estes, pouco dados á contemplação. Formado um plano, delinea da uma vida, todas as energias animaes são escravizadas, e o homem torna-se o instrumento do proprio designio. Talvez por se achar retratado n'elle, D. João I dava a este filho uma estima tão preferente.

Faltava-lhe de todo, como ao seu irmão Affonso, o bastardo de Barcellos, aquella veia de sentimento germani-

co, legada por D. Filippa ao character dos outros infantes; aquelle indefinido mysticismo humano, que só em allemão tem palavra capaz de inteiramente o definir: o *gemuth*, mixto de sentimentalidade affectiva, de emoção melancolica, de serenidade de animo contemplativa, de humorismo transcendente, em combinações infinitamente variaveis, e que, desabrochando, produziu os typos mais sublimes e tambem os mais extravagantes da imaginação poetica, n'um Shakespeare, n'um Goethe, n'um Heine. D. Henrique era um peninsular hespanhol, afirmativo, duro, terminante, pratico em tudo: na acção energica, no mysticismo ardente, na habilidade astuta. Para levar por diante os seus planos, primeiro sacrificou á intriga, e depois chegou a ser cruel; e para não mentir aos seus votos, entendendo a religião ao pé da letra, ficou virgem toda a vida. Talvez d'ahi provenha tambem a deshumanidade que se lhe encontra no retrato.

A sympathia e a grandeza dos homens, como foi o infante D. Henrique, não está propriamente, pois, no character ou na individualidade: está na empenza a que se devotaram. E como o plano do infante era verdadeiro e fecundo; como a sua ideia de um Portugal novo, destacando-se da Hespanha e estendendo-se pelos confins de Marrocos, Africa em fóra, até limites indeterminados nas regiões desconhecidas do mundo, provou afinal ser uma realidade, devemos-lhe, nós portuguezes, uma segunda patria; e deve-lhe a civilização europeia uma das suas tres ou quatro conquistas fundamentaes. E' isto o que faz d'elle um heroe, na mais nobre accepção da palavra, apesar das sombras que por vezes lhe escurecem a vida, e de não se lhe encontrar belleza, nem o encanto humano que distinguem outros filhos de D. João I.

(D'Os Filhos de D. João I).
Oliveira Martins.

ABC illustrado

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

ao contemplar o noviço despedindo-se apaixonado e melancolico do seu convento de S. Thiago de Compostella, por não poder já com as tristezas do claustro, e sentir que já não lhe bastava Deus! — oh! pobre alma afflicta; que trocas a religião pelo amor, é ainda a fé, debaixo de uma nova face, que te anima e te impelle! Feliz, ah! feliz se ainda crês! feliz se amas! feliz se esperas! Podias tu ter evitado offerecer-lhe a agua benta, e os teus dedos roçarem pelos d'ella? Tens tu hoje a força, pobre saudoso, de afugentar da tua imaginação, tu, que já não podes resar e te devoras na aspiração a outra vida? Pois se dessa visão só vives, dessa imagem, desse anjo que encontraste aos pés do altar orando a Deus,—se a julgas pura e

EPILOGO

A minha mulher

A cem portas bati por noite agreste
Em que o vento mugia como um toiro,
Antes de emfim parar á porta d'oiro
A cujo limiar me appareceste.

Nos versos que ahi ficam, se é que os leste,
Talvez p'ra a nossa estima aches desdoiro,
Sob o cypreste vendo, ou sob o loiro,
Tantas amadas de perfil celeste.

Mas não! Ao pé de ti, sou outro. A vida,
Sôpro de benções, no meu horto flue...
E aquelle que divaga nas alfombras

D'este livro, lunatica avenida,
Não sou eu, é a sombra do que eu fui,
Uma sombra saudosa d'outras sombras!

EUGENIO DE CASTRO.

(D'A Sombra do Quadrante)

NOTICIAS PESSOAES

Estadas

Encontra-se, entre nós, a serias, o distincto alumno do seminario de Coimbra sr. João Martins de Pinho Brandão, a quem apresentamos cordeaes cumprimentos pela alta classificação que obteve nos seus actos.

— Com demora d'alguns dias esteve aqui o nosso amigo e conterraneo sr. Sebastião Saldanha, residente no Porto.

— Estiveram, ultimamente, em Aveiro, os nossos amigos e conterraneos srs. Sebastião Rodrigues de Figueiredo e Aristides Dias de Figueiredo.

Partidas e chegadas

De Lisboa, onde ectavam ha mezes, regressaram aqui o nosso presado amigo sr. José Antonio de Carvalho Junior e sua ex.ª esposa, a sr.ª D. Biatriz d'Almeida Carvalho.

— Seguiu para a Guiné (Africa Occidental) o nosso conterraneo sr. João Rodrigues Anileiro. Desejamos-lhe as maiores felicidades.

— Partiu para Coimbra o nosso presado amigo e conterraneo sr. Manuel Marques Janvelho.

Anniversario

Fez annos no dia 11 a sr.ª D. Maria Alcide Fernandes de Figueiredo, gentilissima filha do nosso amigo sr. Avelino Dias de Figueiredo. Pedimos licença para apresentar a sua ex.ª e á sua ex.ª familia os nossos mais respeitosos cumprimentos.

Doentes

Encontra-se doente, com uma pneumonia, o nosso conterraneo sr. João Bonifacio cujas melhoras sinceramente desejamos.

— Tambem passa incommodado o sr. José Rodrigues, de Horta. Que se restabeleça depressa é o que nós desejamos.

nobre como é bella, que voz fatidica irá dizer te a rir, que amas a amante do rei, uma cortezá como as cortezás, uma mulher perdida que se vendeu mais cara do que as outras, mas que se vendeu! que é beijada por um rei, mas que é beijada por um homem que não é seu pae e que não és tu! Oh! canta! canta ainda! canta e soffre! Deixa o velho frade, ancião desconfiado da felicidade e do amor, lembrar-te a fragilidade das paixões e a incerteza das coisas humanas! *Io l'amo!* Dizes. *Mio padre, io l'amo!* E n'isso dizes a sorte, a esperança, a providencia, a fatalidade, o destino! Oh! canta! canta e ama! Se um dia a excommunhão pesar sobre a tua cabeça, irá sob a anathema de Deus pedir-lhe o teu perdão a esse mes-

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 16

Encontra-se n'esta cidade o nosso amigo sr. Francisco Lopes Pinto, natural de Ovar, mas residente em Villa Nova de Gaya. Tem visitado muitos dos seus amigos, entre os quaes o sr. Clemente Martins Rodrigues que se encontra a ares, na Cruz Quebrada.

— Vimos aqui, ha dias, o sr. Padre José Marques Vidal, digno prior em Montelavra (Cintra), acompanhado do sr. Manuel Francisco Athanasio de Carvalho, importante proprietario em Requeixo.

— Os festejos do Santo Antonio, que devem realizar-se na Praça das Flores, promettem ser brilhantissimos. O numero que está a despertar mais interesse é o baile das varinas.

— Deu á luz uma robusta e formosa creança a esposa do nosso presado amigo sr. José Tavares de Figueiredo.

Melicias.

LISTA DOS SUBSCRIPTORES

Subscrição aberta a favor dos alumnos necessitados das duas escolas officiaes d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saude, de ganharem os meios de substencia.

Transporte	100\$050
José Rodrigues Larwanjeira	500
João das Neves Martins	2\$600
Somma	100\$150

Todos os nossos conterraneos, que queiram subscrever, podem dirigir-se á Ex.ª Senhora D. Maria Lucia dos Reis e Lima e aos snrs. Dr. Eduardo de Moura, Antonio Simões da Silva e Avelino Dias de Figueiredo, em Eixo; Manoel Dias Saldanha, em Lisboa, Rua Augusta, n.º 100-1.º; e Dr. Alfredo de Magalhães, no Porto, rua de S. Miguel, n.º 36.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Rudimentos de Sciencias Naturaes, conformes ao programma de 1902

ALVARO M. MACHADO

Bacharel formado em Philosophia e Medicina pela Universidade e professor effetivo do Lyceu D. Manuel II

A. A. FLORES LOUREIRO

Medico cirurgião pela Escola Medica do Porto e professor interino do mesmo lyceu.

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

mo altar de onde foges hoje!
E a *bella del Re*, que adoraste na vida faustuosa do palacio, virá pedir-te a ti, pobre, andrajosa e maldita, o mesmo perdão que tu estiveres pedindo a Deus! E pedir-lhe-has, tu! tu, sim; Deus é que não te perdoará a ti; talvez, porque ainda tentarias fugir-lhe do novo, se a morte não viesse tocar com os seus pallidos dedos a fronte da favorita.
E n'isto, bebendo elle outro golo de cognac, houve uma nova pausa.

(Continúa)
JULIO CESAR MACHADO.

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.--32 paginas--50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfastiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.º volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeração seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhacastigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas «A Moral» e a «Litteratura»; de, pois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

A venda em todas as livrarias

LIVRARIA CENTRAL
DE
Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.ª edição
francesa por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarização, em forma clara e attrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e a evolução das religiões especialmente da christã, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual for a sua opinião e a sua creança, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras

Preço 500 réis

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRIPTO

DAS
ESCOLAS PRIMARIAS

(Ilustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 réis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.ª e 5.ª classes, por Angelo Vidal.

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

Puerilidades

por Angelo Vidal

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 réis Encadernado 350

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da Livraria Central, de Gomes de Carvalho—158, Rua da Prata, 160, LISBOA.

GRAMMATICA ELEMENTAR

DA
LINGUA PORTUGUEZAPARA
USO DOS ALUMNOS
D'INSTRUCCÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

POR
ALBANO DE SOUZA

3.ª EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Tem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

PROGRAMMAS D'INSTRUCCÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de instrucción primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.ª 2.ª e 3.ª classes de Instrucción Primaria, por A. M. F.

3.ª edição . . . 100 réis



ANGELO VIDAL

A B C ILLUSTRADO

A' venda
em todas
as livrarias.

Manuscripto das Escolas Primarias

POR

Angelo Vidal

Edição da Livraria Fernandes

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O Manuscripto das Escolas Primarias—contem exercicios graduados e variados de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes accomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se pôde dizer, como alguém disse do malgrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte

Depois, o preço é tão modico, 120 réis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisará d'elle.

(Da Vitalidade de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR

VIEIRA DA COSTA

OS TRISTES

POR

FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

A B C

ILLUSTRADO

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.ª edição—Brochado 60—Cart 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A accitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo:—Collecção de 12 quadros em papel, 306 réis. Collecção de 12 quadros collados em cartão, 27300 réis.

LÉON TOLSTOI

A Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Gargão. 1 vol. 200.

O que é a religião? Tradução de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão dum Padre. Tradução de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete oferecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.ª edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol., 100

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanao independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:

R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA
(Pagamento adiantado)

PUBLICAÇÕES

Portugal—anno 1\$200
» —semestre 600
Africa —anno 1\$500
Brazil —anno—(moeda forte) 2\$200

Annuncios, por cada linha . . . 10 réis
Communicados, cada linha . . . 20 »
—
Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.
—
Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Cam. Int.

3.º ANNO—N.º 26